

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Editor,

Aleindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do "Noticias de Fafe": Rua Monsenhor — FAFE

## Cartas aos republicanos vimaranenses

### Congreguemos todas as forças!

Na minha última carta disse que todos nós deveríamos juntar, mas todos, para que, pelo nosso trabalho aturado, honesto e sensato pudéssemos dignificar a Pátria e a República, cumprindo assim os deveres de camaradagem que entre homens do mesmo ideal devem existir.

E disse-o, por reconhecer que a República tem estado á mercê da sua própria sorte, porque tem tido por serventuários os farricocos encapuzados e porque á sua sombra a hipocrisia tem feito contínuos interesseiros.

Os acontecimentos políticos do país comprovam em absoluto a verdade desta asserção.

Há que reconhecer que o esforço de todos nós não tem sido profícuo e que andam tresmalhados aqueles que deviam accionar como os outros que não abandonaram ainda o campo da luta, como aquêles que, apesar de tudo, vivem para a República e não da República.

E não receamos quaisquer desmentidos.

De há muito que anda dentro de nós esta certeza.

Os republicanos, numa grande parte, não têm sabido impôr os seus princípios e deixaram correr pela rua da amargura a sua autoridade moral.

Aos republicanos cabe a tremenda responsabilidade do seu próprio desprestígio.

Eles e só eles têm sido os responsáveis.

Permitiram toda a casta de insultos ao regimen; consentiram em todas as intrigas que lhes urdiram; toleraram as maiores calúnias para os seus idiais; e, enojados, quasi que desertaram para a vida privada, sem que tivessem tido a coragem de desafrontar o regimen e de se desafrontarem a si.

Do perigo que poderia advir, não o previram ou sequer pensaram nele.

Afastaram-se do campo da luta, e deixaram que os republicanos de unhas rapaces os substituissem, os amarfanhasssem em suas convicções e os derrubassem na sua autoridade.

E bem verdade.

E' asserto criterioso.

Os republicanos foram ven-

cidos na força moral e nas convicções, pela petulância e atrevimento dos republicanos que nunca aderiram sinceramente, lealmente, á República.

Confiaram em demasia, e foram vencidos e arredados; foram vilipendiados e batidos!...

Absolutamente.

Dava vontade de lhes gritar, de lhes dizer, ao vê-los desalentados e sem quaisquer aspirações: **¿ por qué a lo prohibido bajas, poniendo cerco a uma honra que debe ser sagrada? —** servindo-me duma frase dum personagem de "Um Cabalero español" que Manzano e Góngora atiraram á cara dum desalentado e sem aspirações.

Eu tenho a firme convicção de que se os republicanos logo de começo exigissem aos pseudo-republicanos e aos monárquicos as responsabilidades das suas diatribes; se filiados e não filiados se dessem as mãos como amigos e perilhassem as legítimas aspirações populares, que desnecessário seria terem de enveredar por caminho diferente daquele que seguiram até aqui, obrigando-se a dispendir um esforço que extenuá-los-há em bravatas, em lutas, até quando julgarem chegada a hora de extirpar o cancro monárquico ou até quando pensarem a sério que só pela republicanização do Estado conseguirão um maior prestígio, não só para si, mas muito especialmente para a República e para a Pátria.

Urge acabar de vez com dissídios, com ódios e com rancores.

Para dignificação da República.

Para maior glória da Pátria.

Dignificar a República torna-se indispensável.

Velar pela integridade da Pátria é juramento que temos de cumprir.

Uma vez que estes pensamentos se conjuguem, que combatamos vivamente o mal que nos aflige e que saibamos sobrepôr aos nossos interesses os do regimen, nunca mais teremos de lamentar a falta de autoridade moral dos verdadeiros repu-

blicanos, pois nessa hora teremos congregado todas as forças que nos darão o predomínio sobre a treva.

O predomínio e a liberdade.

¿ E se há a certeza de se conseguir tal, porque não havemos de arripiar caminho em proveito desse predomínio e dessa liberdade?

¿ O esforço de todos nós não bastará?

¿ A congregação de todas as nossas forças não será o suficiente?

Oh! sim.

**Unidos, irmanados num só pensamento—o de bem servir a República—pelo esforço colectivo, pelo esforço que renegue os comodismos e os desalentos, saberemos impôr aos nossos inimigos, aos trastejadores de idiais e aos farricocos, a nossa supremacia de cidadãos livres, o nosso direito e a nossa República!**

L. COELHO.

### Eduardo de Sousa

Todos os passageiros do "Lourenço Marques" o conheceram.

O seu amor á República, levou-o até terras de África, como a tantos outros dos seus companheiros de viagem.

Dotada de uma inteligência lúcida e de um nobre coração, em pouco tempo conquistou a amizade e simpatia de todos.

A saudade que tenho em vêr partir um companheiro de lutas, ainda na pujança da sua mocidade, levou-me a escrever estas simples, mas sinceras palavras de pesar, em nome da nossa amizade e da solidariedade idealista que nos uniu, dizendo o meu último adeus ao querido morto.

Albano Cruz.

### Dr. Eduardo d'Almeida

No principio desta semana, estive em Braga o nosso ilustre colaborador e distinto caudilho, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Eduardo de Almeida, antigo deputado ás Constituintes e velho republicano.

### Dr. José Pinto Rodrigues

Em serviço forense, estive na passada terça-feira na vizinha vila de Fafe, este nosso presado amigo e distinto advogado desta comarca.

### António Francisco Ferreira de Castro

Partiu para Lisboa, este nosso correligionário e amigo que ali vá tratar de assuntos da sua vida comercial. Desejamos-lhe muitas felicidades.

## Cartas aos republicanos vimaranenses

### Dispensavel a lembrança dos nossos deveres? Não.

Com o propósito de me achincalhar e talvez para se dar ares de republicano consciente, o correligionário amigo que informa «A República» de Lisboa, considerou dispensáveis estas minhas singelas cartas e quasi se insurge contra a *ousadia* de, publicamente, e como novo, sentir-me no direito de lembrar deveres e de reclamar obrigações.

Tibúrcio filósofo e moralista da causa republicana, espalmou a mão, ergueu-a ao cocuruto da cabeça, contraiu dedos para especar o indicador no infinito, e proclamou sentenciosamente: «não é nada disso, ó jovem conselheiro Acácio»!

E comentou o paradoxo acacia-no:

—Se o fedelho ousa uma vez mais impôr opiniões que alterem o socêgo do meu enfatuamento de filósofo e moralista, eu dar-lhe-hei quatro surras.

E o pobre do epistológrafo, ameaçado, fez o que qualquer formiga rabiga faria ao vêr-se envolvida no cone da sombra duma botifarra que a ameaçasse esmigalhar: recolheu-se á sua insignificância, e procurou grão de areia em que se acóitasse, livre dos estragos de tamanha avalanche.

O homem tinha razão.

A educação manda-nos respeitar o mais velho e evitar que se perturbe o socêgo do seu enfatuamento de filósofo e moralista.

O homem tinha razão.

Conselhos são sempre dispensáveis, e demais traçando-se dum cidadão exemplaríssimo que tem noções políticas bem definidas, perfeitamente conhecendo os seus deveres e obrigações.

As minhas cartas nunca por nunca devem encarapuchar-se na consciência daquele cidadão que, em toda a sua vida política, deu sobejas provas de saber ser republicano, que nunca ditou receitas de demagogismo e que, pela sua isenção de carácter e bem formada cultura, não seria capaz de enveredar por caminho diferente daquele que deva seguir.

Bem ao contrário, elas são escritas com intuítos muí diversos.

São publicadas para republicanos, sim, mas sem malsinadas intenções ou fígados recochetes. Temperadas pela energia que me domina, o seu único sentido é o de PROMOVER A UNIÃO SINCERA DE TODOS OS REPUBLICANOS HONESTOS, DEMOCRÁTICOS E LIBERAIS, ESQUERDISTAS OU CONSERVADORES.

Ditadas por um espirito desempoeirado e que se devota inteiramente á sublime ideia da Democracia, e para a defesa da qual há aproximadamente 8 anos que vem gastando o melhor da sua mocidade, outra directriz de pensamento se lhe não encontra que não seja o de EXIGIR AOS REPUBLICANOS, NO FUTURO, O EMPRÉGO DUMA POLÍTICA FRANCAMENTE REPUBLICANA,

MOLDADA EM NOVOS PROCESSOS, SEM ÓDIOS E SEM RANCORES.

E porque assim as silogis e reflexio, e porque a defesa destes dois grandes princípios implicitamente o requer, gera-se e nasce em mim a ambição de falar claro, de repudiá os erros passados e de reclamar o senso para os espíritos, com a autoridade que me advém do sacrificio exaustivo que venho empregando em prol da República, e no propósito de despetar energias adormecidas, uma vez que o meu clamor não estremeu ou sobresalte os atacados de modorra... acomodaticia.

¿ Esta minha resolução tére e aguilhoa?

¿ Este meu propósito espicaça e tortura?

Tanto mais me alegro. Tanto melhor.

Vejo que as minhas ligeiras cartas têm o condão de joear o bom do máu, separar o trigo do joio.

Descobertas a irreverência e o sectarismo.

Vejo que, em sua singeleza, elas contribuem para uma unificação que timbra pela probidade e honradez, desmascarando os que amam a República para se servirem, aquêles que vivem da República e não para a República.

Ótimo serviço estou a prestar á falange republicana vimaranense!

E não me apódem de intencionista, de ambicioso ou de anti-democrático...

Hoje, porque há democráticos de generosos intentos e que reconhecem que á República há-de ser grande pela UNIÃO DE TODOS OS REPUBLICANOS, eu sou democrático, faço o seu jôgo, colaboro no seu jornal e ando de braço dado com os democráticos.

Mas também faço o jôgo dos outros republicanos, que sendo democratas, sentem-se bem em estar unidos com os democráticos. E, portanto, eu sou seara nova e esquerdista, eu sou reconstituente e liberal, e eu sou nacionalista e independente, tanto, como nesta hora eu sou democrático.

Acima de mim, só uma coisa vislumbro: A FIGURA SUBLIME, GRANDIOSA E OMNIPOTENTE DA REPÚBLICA.

Só um pensamento me preocupa e me traz apreensivo: A CERTEZA DE QUE NÓS TODOS, UNIDOS, HAVEMOS DE FAZER UM PORTUGAL MAIOR.

E para que não surjam divergências, eu não me canço de repetir o que nos ensina qualquer livro de educação cívica, só para que os mal-avisados cumpram com os seus deveres e saibam que nós outros, republicanos de Guimarães, e todos políticos, NOS UNIMOS PARA PRESTIGIAR A REPÚBLICA E ENGRANDECER PORTUGAL, JURANDO PELO NOSSO IDIAL A INTEIRA SOLIDA-

¿ Quem mente?

**Baltazar de Castro**  
ou o servil correspondente  
do "Jornal de Notícias"

O servil correspondente do «Jornal de Notícias», servil e audacioso, em *larachu* enviada para aquele diário portuense, vem com a mão do gato, muito surrateiramente, dizer que quem dirige as obras da instalação do Museu Alberto Sampaio é o *honrado e integérrimo* arqueólogo, sr. Alfredo Guimarães, pondo em cheque o sr. Baltazar de Castro que afirmou ser ele quem dirige as obras quer técnica quer administrativamente.

Não percebemos nada desta embrolhada!

Ou aqui anda caveira de burro... ou o sr. Baltazar de Castro joga com um páu de dois bicos e permite que o seu nome se enxovalhe com os crimes que se perpetrarão de futuro, continuando a dirigir aquelas obras o *insigne*, o *mimoso*, o *ilustre*, o *talentoso* e *honrado* «arqueólogo» vimaranense.

E' isto! E' daí... Há duas conclusões a tirar:

1.º—O servil e audacioso correspondente de «O Notícias» recebeu comunicação do sr. Alfredo dizendo que continua á frente daquela instalação de museu para pôr em cheque o Arquitecto-director dos Monumentos Nacionais do Norte de Portugal.

2.º—O sr. Baltazar de Castro receia a língua viperina do vimaranense *insigne* e não tem a ombridade de vir público e raso desmentir o servil, audacioso e incompetente *laracheiro* do «Notícias» que não sabe a que atribuir as coisas e que é teimoso em querer pugnar pela boa reputação do «arqueólogo» nefelibata — pobre magriço, mais pobre que o burro do profeta Balaam!

E já que teimam em conservar á frente duma obra do Estado um crapuloso, um inapto e um audacioso, continuaremos a perguntar ao sr. Baltazar de Castro:

—¿ Porque razão não se procede a um inquérito que limpe duma vez para sempre o museu Alberto Sampaio dum criminoso que só tem desonrado a Direcção dos Monumentos Nacionais?

Por muito menos o teve o incontestável architecto ilustre, sr. Adães Bermudes.

**Regateiras**

Não há quem ponha cõbro ás regateiras.

Assaltam a praça e não apparece autoridade que as meta na ordem e que as detenha em sua exploração.

Vegetam livremente, tão livremente, que o consumidor as não aguenta.

RIEIDADE QUE UNS AOS OUTROS DEVEMOS.

¿ Para quem vão os conselhos... INDISPENSÁVEIS?

Para todos os que não têm sabido cumprir com os seus deveres. Para todos os que esquecem a República para verem enobrecidas a invejância e o sectarismo.

Para os mal-avisados. E para o proprio correspondente da «República», que deles mais precisa do que ninguém.

1930

L. Coelho

Lêde e propagai «A Velha Guarda»

**NOTÍCIAS ESCOLARES**

Foram mandados regressar ao exercício das funções de Inspector Chefe e Secretário da Região Escolar de Braga, respectivamente, os Ex.ºs Snrs. Augusto Gomes de Oliveira e João de Almeida.

Temos conhecimento de que s. ex.º o ilustre Inspector Chefe tem sido muitissimo felicitado telegraficamente, participando nas felicitações o inteligente secretário.

Nunca nos iludimos ácerca da justiça e sinceridade que pairava na atmosfera que imediatamente se criou á volta do nosso Inspector Chefe; assim como não encontramos explicação para o facto de se ir passando tanto tempo para chegar ao desiderato fatal—a reintegração.

—E com prazer sincero verificamos que estavamos dentro da verdade.

—Com a devida vénia transcrevemos para aqui alguns períodos de o «Correio do Minho», de 23 do corrente:

«Nunca duvidamos de que no Ministério da Instrução se havia de reconhecer que aquêles funcionários A. G. de Oliveira e J. de Almeida eram vítimas de intrigas de quaisquer pretendentes aos lugares que elles exerciam com o maior zelo, intelligência e saber».

«A verdade é como o azeite; sobrenada sempre á tona da água».

—Uma impressão criada custa muito a destruir.

De nada valem agora as declarações de imparcialidade, isenção e lealismo;—Estão verdes, não prestam... respondem muitas raposas.

—Por nossa banda saudamos-lhes sinceramente desta tribuna.

—Os exames de 2.º grau terminam em 28.

—As provas escritas na sua maioria são boas e as orais vão-lhes correspondendo.

—Permitimo-nos aconselhar aos nossos colegas que atentem que há um mínimo de instrução abaixo do qual um juri criterioso não pôde nem deve descer. Interpretem bem o nosso pensamento e concordarão connosco.

—As provas foram fiscalizadas pelo ex-inspector chefe interino desta região escolar em 19, ex.º Sr. Miranda.

—No júri de que somos vogal, manifestou sua ex.º discordância, ficando-nos a impressão de que deveríamos ter eliminado mais candidatos: vá lá, vá lá... é a benevolência a amenizar a justiça.

—Lágrimas... na cama que é cabo quente.

—O professor Botelho teve quatro explicandos durante o ano lectivo, que foram submetidos a exame do 2.º grau: António de S. Carvalho, Inácio Fonseca Magalhães e Hernani Pereira Ferráz, distintos; Maria M. Ferreira Carmo Pinheiro, aprovada.

**PENSAMENTO**

Se lutás pela mentira, mais tarde ou mais cedo acabarás por te atascar na própria lama das tuas ignominias.

Abraça, antes, a Verdade; sacrificá-te por ela ao teu ultimo alento. Viverás em paz com a tua consciencia e serás permanentemente, respeitado e querido por todos os que avaliam o teu esforço neste mar revolto de paixões.

**- A Instrução -**  
**factor social**

Não têm razão de ser as nações que não representem uma função social no equilibrio dos povos cultos.

Daí, quando atentamos nas dificuldades da hora transcorrente, convenceremo-nos de que o remédio para a nossa decadência está na educação da mocidade.

A função social que um povo exerce constitue a característica, o índice que o eleva, que o enriquece e que o transforma num colaborador na enormíssima obra da civilização mundial.

Ora é indispensável competência na acção a desenvolver; e esta só se consegue e aperfeiçoa pela instrução educativa.

Assim se conseguirá orientar, coordenar todos os ramos de serviço nacional, imprimindo-lhe a eficiência requerida pela necessidade que sentimos de melhorar as condições de existência individual e colectiva.

Por tradição histórica e também por necessidade o povo português é um povo agricultor e colonizador, resumindo-se essencialmente visto a sua função, que em eras volvidas tanta riqueza e renome lhe deram.

Os chefes orientadores, dirigentes e fiscalizadores de serviços públicos nem sempre são escolhidos entre os que possuem em alto grau a sciencia e preparação técnica, a honestidade, a probidade e os que melhor saibam e queiram aplicar e distribuir a justiça.

Com esta circunstancia concorre a de que aos funcionários é—pelo regulamento disciplinar— vedado censurar, e até discutir os actos dos seus superiores hierárquicos.

Isto muitas vezes os anima, os encoraja a persistirem numa perseguição numa vingança, resultando frequentemente o retraimento, o desânimo, a falta daquela dedicação que tão indispensável é ao regular e perfeito funcionamento da complicada engrenagem dos serviços públicos.

Quando assim se verifica, não há organização de serviços que resista, ainda que seja inteligentemente concebida, sábiamente ordenada e criteriosamente orientada.

Guimarães, 21—7—930.

Prof. Jerónimo Ferreira Botelho

Propagai «A Velha Guarda»

**«Reporter X»**

Segundo informações que recebemos de Lisboa e Porto, o jornal do «REPORTER X» deve apparecer, definitivamente remodelado, por estes dias. Existe um admirável ambiente de curiosidade e de interesse em redor deste semanário, que, além de ser o resumo comentado de todos os acontecimentos nacionais e estrangeiros, publicará todas as semanas reportagens sensacionais sobre os assuntos de mais palpitante actualidade, assim como uma vasta informação inédita de todos os campos e de todos os géneros.

São 16 páginas de jornalismo emocionante, como só Reinaldo Ferreira, «REPORTER X», conhece o segredo. A impressão é feita a duas cores; numerosas ilustrações e uma colaboração selecta. Todos os pedidos de venda ou de assinatura podem ser dirigidos aos escritórios do «Reporter X».—Rocio, 3-3.º, Lisboa, ou á Empresa Editorial «A. B. C.», L.d.ª.—Rua do Alecrim, 62, Lisboa, que é quem se encarregou da expansão deste jornal, por todo o país.

Este numero foi pisado pela Comissão de Censura

**Ainda o funeral de**  
**Balbina Rodrigues**

Como havíamos noticiado em o nosso ultimo numero, e muito resumidamente feito pelo adiantado da hora a que tivemos conhecimento da triste occorrença, foi na 2.ª feira que se realizou o funeral da inditosa velhinha, sr.ª D. Balbina Rodrigues, estremosa mãe dos nossos queridos amigos e prestimosos correligionários, snrs. José Fernandes Guimarães e Francisco da Silva Correia.

Já dissemos das qualidades que exalçavam o carácter da bondosa senhora e do quanto era estimada de todos quantos com ela conviveram em vida.

O seu coração diamantino, forte, apesar dos 75 anos que pulson, perdeu a sua vitalidade pelo enfraquecimento que o cancro lhe foi transmitindo, e não porque estivesse tão caçado que não pudesse insuflar mais alguns anos de vida áquela que foi mãe amantíssima, mãe estremosa, senhora e dona da bondade.

Ficou depositada no cemitério da freguesia de Gondar, sendo o seu cadáver conduzido por seis caseiros.

A chave do caixão foi entregue ao representante da Comissão Municipal, do P. R. P. sr. A. J. Ferreira da Cunha.

Organisaram os turnos seguintes:

1.º—Augusto Pinto Lisboa, Francisco José Lopes Correia, Jaime da Cunha Guimarães, António de Jesus Teixeira, que representou o Ex.º Sr. Dr. Mariano da Rocha Felgueiras, Dr. Mário Dias e Joaquim Leite da Silva.

2.º—António Francisco Ferreira de Castro, representando a Direcção do Centro Republicano, Dr. João d'Oliveira Bastos, representando o sr. Francisco Ribeiro de Castro, Tenente Albano Cruz, representando as Comissões Paroquiais do P. R. P. e a Liga da Mocidade Republicana, Alcindo Dias Pereira, pela «Velha Guarda» Mário Menezes que representou os snrs. Jerónimo Ferreira Botelho, Artur dos Santos Rodrigues e Francisco Gonçalves da Cunha e António Larangeiro dos Reis.

3.º—Gaspar Ferreira Paúl, Alexandrino Guimarães, João António Sampaio, Domingos Ferreira de Oliveira Guimarães, Alberto Gomes Alves e João Alves Pimenta.

4.º—Benjamim de Matos, João Garcia, António Barbosa, Clemente Pinto Teixeira da Costa, António José Pereira Rodrigues e Agostinho Martins da Rocha, que representou seu irmão, Dr. Jerónimo Rocha.

5.º—Eduardo de Lemos Mota, Adriano de Castro, José Rodrigues Júnior, José Crisóstomo da Silva Bastos, Augusto Ribeiro de Abreu e João d'Oliveira.

6.º—António Ferreira d'Araujo, João Abreu, Joaquim Gonçalves, José Aibeiro d'Abreu, Lourenço de Faria e Francisco de Sousa Almeida.

7.º—Capitão Duarte Fraga, Alvaro Vaz Vieira, Aprígio Correia Guimarães, Manuel Fernandes de Oliveira e Castro, que representou a Associação dos Empregados do Comércio, José Augusto Ribeiro de Abreu e Albano Coelho de Lima, representando o sr. José Correia Guimarães.

8.º—Fortunato Machado, Domingos de Faria, Joaquim da Silva Canário, Manuel Ribeiro, Avelino Coelho de Lima e Joaquim Salgado.

O Ex.º Sr. Capitão Duarte Fraga representou também os srs. José Jacinto Júnior e João Teixeira d'Aguiar.

Por um precalço sucedido no carro que os conduzia, chegaram mais tarde e não puderam assistir ao funeral os snrs. Vitorino Simões Lopes Sampaio e Luiz Filipe Coelho, que representava os snrs. José de Pina e Capitão Pina.

**Aos combatentes da Grande Guerra**

A Direcção da Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra enviou a todos os Párcos das freguesias do Concelho circulares do teor daquela que abaixo transcrevemos, no propósito de convocar uma grande reunião em 3 do próximo mês d'Agosto e na qual exporá dos beneficios que esta Sub-Agência já proporciona aos seus filiados, e aos «quais já nos referimos, e bem assim daqueles outros que tem em vista, segundo as necessidades dos antigos combatentes. De esperar é que desta reunião alguma coisa saia de proveitosa e que satisfaça os interessados. O limitado espaço do jornal inibe-nos de alargar em considerações que desejaríamos fazer, mas oportunamente nos referiremos mais amplamente ao assunto, aconselhando todavia a que ninguém falte á convocação, já pela defesa dos seus interesses, já pela missão de quantos se bateram:

**CIRCULAR**

Guimarães, 20 de Julho de 1930

Ex.º e Rev.º Sr.ª

Sendo o único fim desta beneficente Agremiação prestar auxilio moral e material a todos os sacrificados da Guerra, bem como ás suas viúvas e órfãos, e tendo esta Sub-Agência conseguido, ultimamente, diversos beneficios para todos os combatentes sem que a maior parte deles tenha conhecimento, deixando, portanto, de usufruir, vimos, por este meio, rogar a V. Rev.ª a subida fineza de, na hora da missa conventual, tornar público de que todos os homens que estiveram na Guerra devem comparecer para seu interesse, no dia 3 de Agosto, ás 10 horas da manhã, no antigo quartel de Infantaria 20, onde, a essa hora, se achará reunida a Direcção e lhes serão dados os conhecimentos necessários ao aproveitamento das regalias a que já teem direito.

Agradecendo a V. Rev.ª o favor que com isto presta ás vítimas da Guerra, subscreve-se muito grata

**A DIRECÇÃO,**

Domingos José Vieira d'Andrade  
Joaquim de Oliveira Torres  
António Esteves Pereira.

**O suor dos pés**

Fétido e nauseante, tomefacções e mortificação do calçado, cura-se com 2 ou 3 applicações de «TOPI-ZINA»

Usado e aconselhado por muitos médicos, é o único producto de resultados notáveis e SEM INCONVENIENTES PARA O ORGANISMO.

Vende-se a 12\$00 em todas as farmácias

**DEPÓSITOS:**

Lisboa — Pestana, Branco & Fernandes, Limitada, Rua dos Sapateiros, 39 - 1.º.

Porto — Drogaria Moura, Limitada, Largo de S. Domingos.

Coimbra — Centro Commercial de Drogas, Limitada, Praça do Comércio, 27.

Envia, sem mais despeza, para qualquer parte;

**CORREIA DE MELO**

Praça Municipal, 11 — Braga

Lêde e propagai «A Velha Guarda»